

Práticas de cura na região dos faxinais: medicina barulhenta e espetacular e consumo por meio de benzeduras.

Paulo Gelson Rodrigues¹

Resumo

Neste estudo, focalizamos algumas práticas de cura verificadas na região dos faxinais entre as décadas de 1960 a 1980. A pesquisa teve como base a comunidade faxinalense de Marmeleiro de Baixo, município de Rebouças – Pr. Nessa localidade havia práticas de cura realizadas por profissionais médicos e por benzedores. Falaremos dessas duas formas de cura na perspectiva da coexistência e consumo. Com base nos pressupostos teóricos de Michel de Certeau, pretendemos evidenciar que paralelo a uma produção barulhenta e espetacular, representada pela medicina científica existe uma produção silenciosa qualificada de consumo e realizada por benzedores. Frente às imposições de uma produção centralizada e amparada na *ordem* médica, as pessoas inventam e recorrem à divindade, às simpatias e aos benzedores.

Palavras chave: práticas, cura, benzimentos.

Resumen

En este estudio, enfocamos algunas prácticas de curación verificadas en la región de los faxinalenses entre las décadas de 1960 a 1980. La investigación tuvo como base la comunidad faxinalense de Marmeleiro de Baixo, municipio de Rebouças - Pr. En esa localidad había prácticas de curación realizadas por profesionales médicos Y por los bendecidores. Hablamos de estas dos formas de curación en la perspectiva de la coexistencia y el consumo. Con base en los presupuestos teóricos de Michel de Certeau, pretendemos evidenciar que paralelo a una producción ruidosa y espectacular, representada por la medicina científica, existe una producción silenciosa calificada de consumo y realizada por bendecidos. Frente a las imposiciones de una producción centralizada y amparada en el orden médico, las personas inventan y recurren a la divinidad, a las simpatías ya los bendecidos.

Palabras claves: prácticas, curas, beneficios.

Introdução

Por meio deste artigo, pretendemos discorrer sobre as práticas de cura existentes na região dos faxinais nas décadas de 1960 a 1980. De acordo com sua estrutura, um faxinal é dividido em terras de criar e terras de plantar. A primeira, ou área de *compásquo*, é explorada

¹ Mestrando do PPGH – Unicentro/Pr.

de forma grupal. O estilo de vida faxinalense é associado a essa área cercada composta por pastagens, matas e estradas interioranas, ligando as habitações umas às outras. Nessa área comum, que pode pertencer a um proprietário não morador do faxinal, ou pertencente a vários proprietários, são criados animais de várias espécies, tais como bovinos, equinos, caprinos, ovinos e suínos, além de vários tipos de aves domésticas. Soltos no grande cercado, esses animais alimentam-se da grama existente, de pequenos arbustos e dos frutos nativos tais como a gabioba, a cereja e, principalmente, o pinhão.

As terras de plantar, são particulares, localizam-se fora do cercado e podem pertencer ao proprietário que as cultiva ou serem arrendadas. A cultura faxinalense é marcada pelo uso comum de recursos naturais como as águas e a madeira e, também, pelo trabalho coletivo na construção da cerca comum. A organização dos agricultores em forma de faxinal existe desde época bastante remota. Calcula-se que este sistema é praticado na região há mais de trezentos anos. Afirma-se que a cultura é o eixo de sustentação do sistema. Várias práticas culturais se fortaleceram, historicamente, no interior desse espaço.

Neste estudo, focalizamos as práticas de cura identificadas na comunidade faxinalense de Marmeleiro de Baixo, interior do município de Rebouças – Pr. Para discorrer sobre o assunto utilizaremos o Relatório intitulado “Realidade Rural de Rebouças e os manuscritos de benzeção produzidos por Albino Gonçalves, um benzedor atuou na região em estudo nas décadas de 1960 a 1980. A documentação consultada permite discorrer sobre duas dessas práticas: a medicina alopatia calcada no cientificismo e realizada por profissionais médicos e as práticas de cura e benzimento, calcada nos saberes populares e realizada por benzedores.

A medicina oficial associa-se a uma produção centralizada, impositiva, racionalizada e barulhenta (CERTEAU, 1994, p. 39) expressa no discurso médico higienista. Em termos de Paraná, no início do século XX ela apresenta-se com um objetivo bem definido: superar a condição de ‘atraso’ verificada na área da saúde em todo o Estado.

Mas há, nesse período, outra forma de produção mais *silenciosa*, classificada como de *consumo*. (CERTEAU, 1998, p. 39). Ela acontece à margem da medicina oficial e,

na região em estudo, tem como principais expoentes os benzedores. Frente às imposições de uma produção centralizada e amparada na *ordem* médica, as pessoas inventam e recorrem à divindade, às simpatias e aos benzedores.

Albino, personagem central deste estudo, praticava benzeduras desde 1944, mas foi a partir do final da década de 1970 que se dedicou exclusivamente a essa atividade. Contrariando, de certa forma, a lógica de que a tradição de benzer se assenta sobre a oralidade e a fala, registrou suas formulas no papel. Os manuscritos de benzedura deixados por ele permitiram identificar as principais doenças tratadas por meio desses rituais e a mística que permeava a cura de males físicos e espirituais. Albino combatia doenças típicas que, segundo a documentação, se manifestavam em grande quantidade na região. Enfermidades ligadas à rotina no campo, e muitas delas, ao imaginário cultivado na região. Basicamente benzia pessoas, mas as demandas poderiam ser extensivas à casa, à roça, ao trabalho, aos objetos, aos animais, entre outros.

Podemos falar das práticas de médicos e benzedores não na perspectiva do confronto aberto, mas da coexistência e consumo. O intuito é evidenciar que paralelo a uma produção barulhenta e espetacular existe uma produção silenciosa qualificada como prática de consumo, utilizada pelas populações.

Medicina oficial: barulhenta, espetacular, racionalizada

O relatório percentualizado produzido pelos técnicos da ACARPA na década de 1960, teve por objetivo de fornecer subsídio ao governo para implantação de políticas públicas de apoio as pessoas do meio rural. O texto traz as seguintes informações:

A maioria das residências verificadas no interior do município de Rebouças tem de 20 a 80 m² e dividem-se em cozinha, sala e um a dois quartos. As principais peças das casas são a cozinha e os quartos, pois é nelas que as pessoas passam o maior tempo. Nas cozinhas 27% das famílias possuem fogão econômico e 72,5% fogão de tijolos. Nos quartos o número de camas não é suficiente para proporcionar aos membros da família, condições adequadas de repouso. A média é de 3 (três) pessoas por cama de casal. Apenas 11,5% das casas possuem banheiro. O chuveiro é adotado por apenas

5,1% das famílias rurais do município. Do total de propriedades verificou-se que somente 1,3% possuem água encanada. As formas de abastecimento de água são de três origens: poço 55,8%, fonte (olho d'água) 35,3%, e 8,9% das famílias utilizam água de rios. A maior parte das famílias lança as águas usadas no terreiro próximo à casa. O lixo maior é jogado no terreiro onde é abandonado, queimado ou usado para adubo. Menos da metade da população rural (47,4%) dispunham de privadas. O local de lavagem de roupa mais frequente é próximo à casa utilizando tanques (de madeira) com tábuas de esfregar. Cerca de 40% das famílias usam lavar roupas em rios. (ACARPA, 1960, pp. 47 a 60).

No relatório, os técnicos constroem um perfil, bem ao modo higienista, das moradias existentes no meio rural reboucense. Apresentam uma descrição matematizada dos ambientes, do mobiliário existente nas casas ou da falta deles e de certos aspectos da vida social relevantes para seus propósitos.

Na ótica da produção racionalizada, na situação descrita, destacam-se as coisas consideradas como atraso e sinalizam-se os problemas que, nessa ótica, poderiam ter consequências prejudiciais para a saúde das pessoas. Falta de saneamento básico, aglomeração em espaços limitados, deficiências relacionadas à higiene do corpo, descarte de lixo no entorno das casas, fazem parte da lista resultante. Basicamente, é a descrição de um faxinal.

A construção é de um cenário que demandava atenção especial dos higienistas e ações direcionadas do poder público. A síntese dos dados coletados pelos técnicos da ACARPA corrobora com essa ideia. Foram registrados percentuais significativos de doenças que se manifestavam com maior incidência nas crianças. No topo da lista, estão: Sarampo (70,5%), verminose (60,8%), varicela (46,1%) e coqueluche (29,5%)² (ACARPA, 1967/68, p. 59). Das quatro doenças citadas, três são infecciosas (sarampo, varicela e coqueluche) e transmitidas de uma pessoa para outra. Como as casas eram em tamanho reduzido (20 a 80 m²) e o número de pessoas relativamente alto (de 6 a 8 pessoas em média), é possível que as moléstias fossem transmitidas de um familiar para outro.

² De acordo com a entidade responsável pela síntese dos dados, os percentuais apresentados indicam que já houve determinada doença na família. Não devem ser confundidos com a existência no momento atual da pesquisa.

Os dados da pesquisa de campo levam a vaticinar que as camas “*eram insuficientes para proporcionar aos membros das famílias condições adequadas de repouso*”, ou seja, parece o efeito de uma moral vitoriana. A verminose, tida como grande vilã no discurso sanitarista aparece como a segunda doença mais frequente. Seria relacionada à falta de água tratada, limitação do número de sanitários, entre outros. Os técnicos garimpavam dados segundo os quais apenas 1,3% de famílias possuíam água tratada. As demais buscavam água em locais alternativos como: “poços”, “olho d’água” e “rios”. O abastecimento de água nesses locais poderia constituir um problema, pois menos da metade das residências (47,4%) possuíam privadas. Logo, os excrementos humanos das famílias que não possuíam privada, eram lançados próximos da casa³. Além de contaminar o solo e as plantas, corriam o risco de serem carregados pela chuva até os poços, fontes e rios.

Por essa nova lógica que chegava à região dos faxinais por essa época, melhor seria lançar os resíduos fecais da população diretamente nos lugares de água corrente. Por esse ângulo, a racionalidade higienista adotada pela ACARPA não teria quase nada de ecológica. Então, poderia ser pensada como outra forma de colocar no mercado uma série de produtos tais como vacinas, antibióticos, louças sanitárias e produtos da indústria moveleira, esta em ascensão na região.

O mesmo relatório destaca a existência de certas doenças mais graves na região a que Albino irá dedicar boa parte de seu tempo para benzer: tifo, crupe, poliomelite, varíola e meningite. Tal quadro somava-se às Mensagens de Governo, das décadas de 1960 e 1970, em que outras doenças aparecem como de grande incidência no interior do Estado, entre elas: tétano, febre amarela, esquistossomose e doença de chagas. (PARANÁ, 1970, p. 127). Certamente que no ambiente em estudo algumas dessas doenças também se faziam presentes. Mas devemos considerar que se trata de um mapa desenhado unilateralmente, uma vez que nenhum contraste aparece como de saúde pelo menos razoável.

As agências governamentais se propuseram a “*mobilizar a máquina pública para vacinação*”. Mas houve uma limitação para atender a demanda. Segundo informações da

³ Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson em 11/11/2016.

ACARPA, no município de Rebouças somente para varíola, tifo, poliomielite e crupe havia vacinação regular. Em outras regiões do interior do Estado, a situação parece ainda mais grave. O atendimento mostrava-se deficitário ou ausente o que nos leva a perceber que a solução higienista tem suas falhas. Seus defensores argumentavam que,

Para atender em caráter permanente, a população do interior havia a necessidade de aumentar o número de unidades sanitárias nos municípios. Até 1965 existiam 120 unidades no Estado para um total de 288 municípios, o que quer dizer que na sua grande maioria não havia nenhum tipo de assistência oficial, sendo de notar que em um quarto deles sequer havia um único médico, mesmo em caráter particular. (PARANÁ, 1970, p, 128).

As Mensagens de Governo constroem um quadro de que os problemas sociais e de saúde pública identificados nas primeiras décadas do século XX estavam, ainda, muito presentes no final século. A situação de Rebouças nesse período então reflete, em parte, a conjuntura do Estado. Atuavam no município apenas 1 (um) médico e 3 (três) dentistas. (ACARPA, 1960, p. 44).

Considerando que na década de 1960, Rebouças já contava com mais de dez mil habitantes,⁴ supomos que, do ponto de vista higienista, esses profissionais não conseguiam oferecer atendimento satisfatório à população que se encontrava dispersa pelo município. O levantamento da ACARPA expressa que 77,56% dos moradores de áreas rurais consultavam médicos quando acometidos por uma enfermidade. O dado pode ser considerado como fantástico ou contraditório visto que havia apenas um médico para atender os moradores: ou pouquíssima gente ficava doente, ou os dados foram manipulados, ou as (os) depoentes burlaram a resposta, ou consideravam benzedores e curandeiros como médicos.

Ocorre que neste mesmo levantamento, 24,35% dos entrevistados disseram recorrer a benzedores e 42,94% a curiosas⁵. (ACARPA, 1960, p. 60). O termo para categorização das parteiras é um indício quase cabal a respeito da produção centralizada e

⁴ Dados obtidos no site do IBGE referente à década de 1970, disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/4121505/pesquisa/43/2010>

⁵ Parteiras não diplomadas.

racionalizada pela qual eram informados aos técnicos realizadores das questões dirigidas aos reboucenses naquela ocasião. Seria bem irônico saber qual o motivo da curiosidade dessas senhoras de vida simples que se deslocavam a longas distâncias, sem horário previsto, por caminhos ínvios para atender mulheres pobres que entraram em trabalho de parto.

Previsivelmente, o número de pesquisados a declarar-se como clientes de benzedores é proporcionalmente inferior ao de pessoas que disseram recorrer aos médicos para tratamento de doenças. É bem possível que o percentual dos recorrentes a benzeduras fosse muito maior uma vez que os benzedores combatiam uma gama bem maior de enfermidades. Tratavam doenças do corpo e da alma e ainda realizavam rituais específicos de proteção da casa, da roça, dos animais, etc.

Medicina alternativa: uma prática silenciosa de consumo pela reza

Com base na documentação guardada por nosso personagem, identificamos certas doenças que não aparecem no relatório da ACARPA nem nas Mensagens de Governo. Algumas parecem demandar atendimento médico especializado, outras aparentam ser especialidades de benzedores. Agrupamos essas enfermidades numa tabela e dividimos em três quadros contendo “doenças” benzidas em homens, em mulheres e em crianças. Apesar das moléstias serem comuns a ambos os sexos, haviam variações que justificam a organização proposta. Por fidelidade aos manuscritos, o nome de cada doença foi descrito tal como estava registrado nos papéis.

Tabela 1: Doenças combatidas com benzimentos

Doenças benzidas em adultos (masculino)	Doenças benzidas em adultos (feminino)	Doenças benzidas nas crianças
Mordida de animais e insetos, machucadura, rendidura, dor de iscadera, ⁶	Mordida de animais e insetos, machucadura, rendidura, dor de iscadera, queimadura,	Ar, vermes, bichas, quebranto, dor de dente, dor de cabeça, urina solta, asma, bronquite, criança que come

⁶ Coluna vertebral.

queimadura, ferimentos com ferramentas ou armas, pisar em prego, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, doenças da garganta, caxumba, doença dos olhos, hérnia, reumatismo, hemorroidas, folego, asma, cobreiro, desencanto, mau olhado, para livrar-se de feitiço, entre outras.	ferimentos com ferramentas ou armas, pisar em prego, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, doenças da garganta, caxumba, doença dos olhos, hérnia, reumatismo, hemorroidas, folego, asma, cobreiro, desencanto, mau olhado, para livrar-se de feitiço, doença nos seios, recaída, problemas de gravidez, hemorragias, entre outras.	terra, bernes, íngua, pisar em prego, machucaduras, mordida de animais e insetos, dor de ouvido, sapinho, tosse comprida, tirar medo, macaca, desmamar, caxumba, entre outros.
--	---	--

Fonte: Dados extraídos dos manuscritos de Albino Gonçalves.

O quadro acima mostra que a maioria das enfermidades combatidas com benzeduras, estavam relacionadas à rotina de trabalho do homem do campo, ou seja, a um espaço bem diverso daquele concebido pelo higienismo. As orações e simpatias indicam que as pessoas recorriam aos benzedores quando eram picadas por animais peçonhentos, quando se tornavam vítimas de machucaduras, luxações, ferimentos e pequenas queimaduras. Alguns buscavam cura para dor de cabeça, dor de ouvido, doença dos olhos, dor de garganta e dor de dente. Outros, por cobreiro, caxumba, ínguas, hérnia, asma, etc. O conceito de contágio e de epidemias não se fazem presentes aqui.

Picadas de bichos peçonhentos são características de um espaço de convívio entre humanos e não humanos, não esterilizado nem ascético. Luxações e machucaduras seriam consequências do esforço físico e do trabalho braçal. Ferimentos poderiam resultar de incidentes domésticos, do manuseio de ferramentas e assim por diante.

Nota-se que a maioria das enfermidades apontadas era comuns a homens e mulheres. Estas, no entanto se tornavam suscetíveis a doenças típicas do sexo feminino, como: *feridas nos seios, recaída, hemorragias e complicações durante e depois da gravidez.*

Adil Gomes ex morador da comunidade de Marmeleiro disse que foi beneficiário de algumas destas benzeduras. Diz que, de fato, existiam várias doenças tratadas por benzedores. Algumas se manifestavam em pessoas, outras em animais. Em relação às pessoas, nos idosos se benzia *dores próprias da idade*. Nos adultos benziam *mais machucaduras, dores no corpo...* Nas crianças se benzia contra *sapinho*⁷, *ar*⁸, *bichas*⁹ e *quebranto*¹⁰. *E venzia (benzia) bastante as crianças quando as mães iam apartar do peito para não atacar as bichas.*¹¹

O espaço de consumo da produção ruidosa da medicina científica/alopática é composto por práticas tais como, simpatia para desmame, ar, bichas, sapinho, dor de dente, mas também simpatias “*contra piolho de cabeça*”, para “*curar pulga de pé*” e etc. Nessa câmara de convívio entre os humanos e não humanos, os agentes de saúde do corpo e da alma deparavam-se com estas demandas. Não sabemos ao certo da eficiência de seus métodos, mas a duração deles indica algum proveito.

Passamos agora a discorrer sobre os documentos que tratam da benzeção de pessoas.

Benzeção para gentes

Os registros deixados por Albino permitem discorrer a respeito do “teatro”, das “encenações” e dos “cerimoniais” utilizados nos benzimentos. Um rico repertório de imagens, cenas, palavras e sentimentos emergem dessas anotações. Albino atendia os doentes em uma pequena sala no interior de sua casa e, ocasionalmente, utilizava outros espaços para a

⁷ Sapinho é o nome popular dado a candidíase oral, chamada também de monilíase oral. É uma infecção da orofaringe provocada pelo fungo *Candida albicans*. Disponível em: <http://www.mdsaude.com/2013/11/sapinho-candidiase-oral.html>. Último acesso: 04/02/2017.

⁸ Segundo Maria Agatha Rodrigues muitas crianças e inclusive adultos poderiam portar *ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar arenegado, ar de paralisia, ar excumungado*. Para ela era uma espécie de força negativa que poderia se apossar da pessoa e se manifestar no corpo ou na alma.

⁹ *Ascaris lumbricoides*.

¹⁰ Quebranto ou quebrante é um feitiço ou mau olhado lançado às vezes sem querer. Ao ficar com quebranto a pessoa desenvolve sintomas como: abatimento, febre, dor de cabeça e mau estar geral. As crianças são mais suscetíveis ao seu efeito. Elas geralmente ficam mais emotivas (choram muito), dormem pouco, se assustam por qualquer coisa e ficam amuadas. <http://www.wemystic.com.br/artigos/oracao-poderosa-contraquebranto/> último acesso em 04/02/2017.

¹¹ Entrevista concedida por Adil Gomes a Paulo Gelson Rodrigues em 22/08/2016.

realização dos rituais. Identificamos pelo menos três modelos proeminentes nos benzimentos feitos em pessoas: aqueles em que o benzido assumia a condição de “expectador”; os rituais em que havia interação entre benzedor e benzido e os procedimentos realizados à distância.

No primeiro modelo, o benzedor atuava de maneira direta utilizando meios diversos. A encenação composta de gestos, palavras e orações eram conduzidas somente pelo ministro do ato. Este se utilizava de objetos de uso rotineiro incorporados de maneira ordenada na cerimônia. Tal procedimento se verifica nesse ritual utilizado quando uma pessoa foi mordida por cobra ou animal peçonhento. Nesse caso, o “teatro” do benzimento deveria ser realizado fora da casa devido às ações realizadas pelo benzedor:

[...] pega 3 copadas de água e joga para o lado direito, 3 copadas de água e joga para o lado esquerdo, 2 copadas de água e joga para o lado direito, 1 copada de água benze com 3 Creio em Deus Pai e 3 Santa Maria. Deus nosso senhor Jesus Cristo no altar. Assim como quem dá dinheiro a juro não se salva. Esta mordida de cobra aranha ou bicho patinho tem que sarar¹².

De acordo com sua estrutura, esse benzimento contava com a utilização de objetos (o copo), elementos da natureza (a água), uma ação (de encher os copos e jogar em direções diferentes), de orações específicas (o credo católico e santa Maria) e, ainda, outras palavras com “poder mágico - curativo”, proferidas pelo oficiante do rito.

Tal estrutura era mantida em vários benzimentos descritos nas anotações, havendo mudanças somente em relação à ordem de inserção dos componentes no ritual. As fontes indicam a proeminência de elementos da natureza utilizados nos procedimentos. A terra assim como a água (benzida), o fogo (simbolizado com uma vela de cera) e o ar eram utilizados nos rituais conforme veremos neste segundo modelo usado para benzer *sapinho*. De acordo com o registro, aquele que benze deveria,

[...] limpar (a boca) três vezes com um paninho branco. Com o paninho benze a criança dizendo: ouça, sapo e sapinho ausentem-se daí, com três Ave Maria há de cair. (Então Pergunta à mãe da criança) O que eu corto? (A mãe

¹² Vidal de Andrade Padilha, 1946.

responde) Sapinho. Esse mesmo eu corto. (Raspa com a faca o paninho com Ave Maria três vezes e dá três sopros no paninho, e dependura na parede na lua minguante. Não ocupar a faca durante o dia que cortou o sapinho, guarda virado com o fio para cima)¹³.

Os gestuais, objetos, orações e elementos da natureza devem estar presentes com precisão sob pena de não apresentar o efeito esperado, mas a ordem pode variar. Há, no entanto, uma diferenciação pois os agentes da benzeção interagem dando sentido à mística. O oficiante pergunta e o benzido, ou seu responsável responde. Mas havia outros modelos que não dependiam de tantos elementos rituais como este.

No caso do benzimento contra *ar*, o benzedor *manda a criança pisar na terra. Com uma faca na mão e pergunta: o que é que eu corto? A mãe ou a criança responde: “ar”! Corta com a faca no rasto da criança e repica*¹⁴.

Havia um terceiro modelo que embora não tenhamos encontrado nenhum ritual referente a ele, sabemos da sua existência por meio da documentação. Trata-se dos atendimentos à distância quando o doente não podia se locomover ou comparecer na casa do benzedor. Nesse caso, o solicitante enviava um apelo verbal ou escrito por cura. Encontramos diversos papéis dessa natureza, o que nos leva a acreditar que essa modalidade de atendimento também era uma prática de consumo existente na localidade. Ao que tudo indica, a distância não interferia na fé do benzido e na eficácia da cura.

Os três exemplos, tem algo em comum. Poderiam ser realizados após a pessoa ser vítima de um problema de saúde qualquer. Contudo, existiam fórmulas para prevenir. Assim, a pessoa poderia recorrer ao benzedor para prevenir-se contra o ataque de cobras, por exemplo. Nesse caso, deveria rezar a seguinte oração:

Ó meu glorioso São Bento, os bichos peçonhentos que tiverem abaixem a cabeça para mim passar. Se tiverem olhos, não me enxergarão. Se tiverem bocas, não me ofenderão. São Bento que me livre de bichos peçonhentos. Amém. Reza 3 Pai nossos, 3 ave Marias, 3 glórias ao Pai e oferece para São

¹³ Autor desconhecido.

¹⁴ Autor desconhecido.

Bento¹⁵.

Ana Catarina da Silva, filha de Albino relatou que as orações de prevenção eram repassadas do benzedor para o benzido após as pessoas adquirirem alguma doença ou terem vivenciado determinada situação de perigo. Conforme explica, “*depois do pai benzer uma pessoa de mordida de cobra, ele já pedia para pessoa copiar a oração para se prevenir*”¹⁶. O cuidado com a prevenção indica a convivência entre humanos e animais peçonhentos.

As anotações indicam uma multiplicidade de situações de risco contra as quais se deveria buscar imunidade pessoal. Encontram-se ali orações *para se defender dos males, para proteção pessoal, para se defender dos inimigos, para esconder-se, para evitar mau olhado e para realizar uma viagem*. A oração abaixo é indicada para ser feita antes de um deslocamento qualquer,

Boa hora, boa viagem que eu vou sair de minha casa. Senhor meu Jesus Cristo adiante, a cruz bendita atrás, eu no meio. Bocas de cães e lobos para mim serão tapadas. Balas em outeiro para mim serão desorientadas, os braços dos meus inimigos para mim serão atados. Eu também serei guardado, assim como nosso Senhor Jesus Cristo andou 9 meses e um dia no ventre da virgem Maria. Virgem antes do parto, virgem no parto, virgem depois do parto. Ficando ela sempre virgem. Amém¹⁷.

Pretendia-se que as orações prevenissem dos males do corpo e da alma o que nos leva a admitir a existência de um tipo específico de demanda, ou seja, pessoas que se julgavam vítimas desses dois tipos de “mal”. Para as *doenças da alma*, repete-se o modelo das doenças do corpo. Utilizavam-se orações de combate e de proteção. Para benzer alguém que supostamente havia sido vítima de feitiço, a oração seria a seguinte:

São Bartolomeu acorda-se. Em seu caminho caminhou, encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou – onde ides são Bartolomeu – em vossa

¹⁵ Autor desconhecido.

¹⁶ Entrevista concedida por Ana Catarina Silva a Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.

¹⁷ Pedro Calistro, s/d.

procura eu ando Senhor – Jesus Cristo disse: voltai, voltai Bartolomeu pelos poderes que vos dei e pelos milagres que fazeis. Nas casas onde chegar livrará todas as criaturas do maldito demônio, do maldito espírito maligno. Quem esta oração rezar, será livre de má olhadura, de veneno forte, de bacado rigoroso, de maus contrários. Senhor Jesus Cristo valha-me. Nossa Senhora, Maria Santíssima guardai-me. São Bartolomeu amparai-me. Por essas divinas palavras arrebeitei cães bravos, espírito contrariado. Me encontrarei com meus inimigos e meus inimigos ficarão tremendo e sufocados. Valha-me meu senhor Jesus Cristo. Valha-me a Santa Cruz do Santo sepulcro. Reza uma Ave Maria e um credo em cruz¹⁸.

As fórmulas que não tinham o foco no combate, e sim a prevenção indicavam que a pessoa poderia “*rezar da porta da frente até o portão um Pai Nosso, uma Ave Maria e voltar rezando um creio em Deus Pai*”¹⁹. Ou ainda proferir a seguinte oração

São Benedito andou pelo mundo inteiro, não comeu nem bebeu, nos livre dos feiticeiros. Que voltem os feitiços rastros atrás. Quem trouxe que leve o rastro atrás. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo Amém. Reza um Pai Nosso e uma Ave Maria para São Benedito²⁰.

As fontes indicam certo holismo na prática dos benzedores que colaboraram com escritos, pois atuavam sobre o indivíduo como um todo. Combatiam as doenças do corpo e da alma e realizavam orações específicas de proteção e prevenção. Mas os benzimentos não se limitavam às pessoas. Seu uso era estendido para benzer a casa, o trabalho e os animais, conforme veremos adiante.

Benzeção de casas, de terras e de animais

A rotina do faxinalense implica as terras, a casa e os animais que são criados soltos ao redor dessas habitações. Podemos dizer que, com base nas fontes, esses componentes do vivido também poderiam ser vítimas das “forças desencadeadoras de desequilíbrios”. Tais potências, dependendo da situação podem ser o *mau olhado*, os *feitiços*,

¹⁸ Autor desconhecido.

¹⁹ Autor desconhecido.

²⁰ Ana Moreira, 1972.

o *bicho mandado*, os *vendavais*, as *tormentas*, a *bicheira*, o *sumiço* e o *úbere empedrada*. Essas *forças* poderiam afetar a casa, a terra e os animais.

Em todos esses casos as pessoas poderiam recorrer aos rituais de benção. Realizando uma defumação com ervas benzidas, acompanhada de *três Creios, três Pai Nossos, três Salve Rainhas e oferecendo a Nossa Senhora do Desterro*²¹, a casa estaria imune contra: feitiços, inveja e mau olhado. Se a intenção era proteger a casa ou a plantação dos efeitos de uma tormenta deveria o crente clamar por Santa Bárbara com estas palavras,

Santa Bárbara sê bendita. Lá no céu está escrita. Entre o cálice e agua benta. Abrandai esta tormenta. Santa Bárbara se acordou. Se vestiu e se calçou. E seu bordãozinho pegou. Em seu caminho caminhou. E encontrou com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou – Bárbara para onde ides? Vou benzer uma tormenta que no céu está formada. Jesus Cristo disse – Bárbara benzei bem, esparramai para o Rio de Jordão, onde não tem vinho nem pão e nem sinal de cristão²².

Nessa cultura, a casa, além de estar suscetível a toda sorte de “mau olhado”, corria o risco de servir de abrigo para “bichos mandados”. De uma hora para outra, poderia ser infestada de pulgas, baratas, formigas, percevejos, etc.

Alguém poderia infestar a casa de outra pessoa para prejudicá-la. Uma das fórmulas seria, por exemplo, oferecer um presente contendo um pouco de insetos dentro do pacote. Ao abri-lo, a muda da praga pegaria na casa e a infestação seria questão de tempo. Essa é a concepção de bicho mandado, no caso, se trataria de um feitiço, mas nenhuma destas fórmulas para prejudicar inimigos e desafetos foram encontradas em meio à documentação.

Silva disse que as pessoas não viam as infestações de insetos como problemas de saúde pública ao modo do discurso higienista. Concebiam-no como feitiço, “*algo feito ou mandado*”. Ela comenta que nesses casos, era comum as pessoas recorrerem aos benzedores

²¹ Atalábio Rodrigues de Souza, 1972.

²² Ana Rosa da Silva, 1958.

para afugentar os intrusos²³. Há uma fórmula “para retirar percevejos”²⁴ dos móveis ou da casa. O procedimento era o seguinte:

[...] tira os palitos de uma caixa de fósforo bem nova. Pega três percevejos. Não machuque, nem mate, e põe na caixa de fósforo vazia e leva numa encruzilhada. Solte os percevejos e feche a caixa e deixe na encruzilhada. Reza em três cantos da casa uma Salve Rainha, uma em cada canto e oferece a Nossa Senhora do Desterro²⁵.

Nesse caso, o procedimento poderia ser realizado pelo dono da propriedade, cabendo ao benzedor somente orientá-lo. Práticas relacionadas à expulsão de insetos apresentavam diferentes modelos. Utilizava-se objetos, gestuais e orações específicas. Ocasionalmente, eram acrescentados outros componentes conforme se verifica nessa fórmula para afugentar formigas: “*rezar em três cantos do quintal três Salve Rainha e oferecer a Nossa Senhora do Desterro. Semear água benta em cruz e por gasolina*”²⁶. Diferentemente da produção sanitária que prescreve a eliminação dos seres considerados como nocivos, as práticas de consumo dos praticantes dessas fórmulas visam apenas retirar, afastar, ou afugentar os insetos incômodos. Trata-se de uma relação mais ecológica com o meio, muito embora, aplique-se a gasolina.

Os animais utilizados para alimentação e para o trabalho, também poderiam ser vítimas de doenças. Com base nos documentos, nota-se que as mais comuns eram: bicheiras, quebraduras, feridas, bernês, entre outras. Para combater essas moléstias, pessoas como o professor benzedor lançavam mão de orações, receitas à base de remédios caseiros e defumações como esta para curar bicheira:

²³ Entrevista concedida por Ana Catarina Silva a Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.

²⁴ Os percevejos eram insetos que se alojavam nas rachaduras ou cavidades de móveis de madeira principalmente em camas de dormir. São insetos em formato oval e medem menos de um centímetro de comprimento. Possuem coloração castanho – avermelhada e o corpo achatado, mas não possuem asas. Alimentam-se do sangue humano e como malmente ficam escondidos durante o dia, picam as pessoas durante a noite. Disponível em http://www.pragas.com.br/pragas/geral/percevejo_cama.php. Último acesso em 20/01/2017 às 18:12

²⁵ João de Oliveira Padilha, 1972

²⁶ Autor desconhecido

[...] usa flor de enxofre, erva mate, três paninhos de panela, três galhos de vassoura, palma benta. Reza uma Salve Rainha para Nossa Senhora do Desterro (três vezes). Faz na lua minguante. Lava o corpo da vaca, cavalo ou porco e passa pó de gafanhoto²⁷.

Os registros apontam para uma multiplicidade de situações em que o indivíduo poderia solicitar um benzimento. Dependendo do caso, um ou mais procedimentos poderiam ser utilizados. Exporemos alguns modelos, que apesar de variados, nem de longe sintetizam as opções que, a julgar pela variedade de anotações, um benzedor teria. Essa espécie de consumo do discurso médico higienista, provavelmente, não se limitava as camadas sociais de baixa renda. Esse tipo de cura, originalmente, não está vinculado a nenhuma religião em específico, mas no caso estudado aparece associada ao catolicismo como veremos adiante.

Confiança de praticante para praticante

Podemos dizer em relação a este contexto que, quem procurava um benzedor, almejava cura ou proteção. Como muitos desses rituais foram anotados em papéis de diversas naturezas²⁸ podemos identificar várias práticas desenvolvidas neste espaço praticado. Nos rituais analisados, alguns personagens ocupam lugar de destaque. De um lado, o benzedor, que se julga investido de um “poder” especial de cura e do outro, o benzido que se submete a esse “poder”. A fé do benzido parece estar centrada no benzedor e nos resultados que possa obter. A fé do oficiante, neste caso, aparenta estar na sua performance individual e no “poder” de cura da Santíssima Trindade e dos santos e santas católicas.

Entre os documentos de Albino existem referências aos santos “oficiais”, entre eles: São Lucas, São Mateus, Santo Onofre, Santo Antônio, São Bento, Santa Luzia, Nossa Senhora do Desterro, entre outros. Há também, orações e benzimentos vinculados a santos não oficiais como é o caso do beato João Maria de Agostinho, também referido como “São

²⁷ Autor desconhecido.

²⁸ Papel de embrulho, maços de cigarros, caixas de embalagens e outros.

João Maria”²⁹.

A fé na intercessão dos santos é aqui entendida como uma forma de consumo feita pelos praticantes desse espaço religioso. Uma modificação nas finalidades para as quais uma produção racionalizada, barulhenta, centralizada e expansiva foi criada. Assim como a produção higienista e sanitaria, a igreja católica apresenta-se como um discurso naquele contexto. Trata-se do movimento da contra-reforma que enfatizou a importância do clero na igreja, a centralidade da missa em termos de liturgia, a importância dos sacramentos e o culto aos santos, mas principalmente à Maria.

A produção que os benzedores fazem da teologia trentina consiste em que o Pai, Cristo e o Espírito Santo e até mesmo a Santíssima Trindade são considerados como entidades equivalente aos santos. Conforme a teologia católica os santos são intercessores junto a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. No panteão dos benzedores esta classificação é confusa ou inexistente, como se pode notar pela documentação reunida sobre os benzimentos. As fórmulas não levam em consideração tal hierarquia teológica. As preces são, geralmente, dirigidas ao santo mesmo. Os agradecimentos e louvores, igualmente. Estes são invocados como agentes da benzedura curando, realizando milagres, achando o que está perdido, protegendo e livrando as pessoas em situações adversas.

Considerações finais

De acordo com Certeau (1982, p. 166), “por ‘marca’ é preciso entender uma combinação objetiva entre uma prática e um signo, um ponto de interseção entre a linguagem da sociedade e a enunciação de uma fé”. Albino atuou num espaço determinado. Passou a benzer de acordo com a cultura local. De fato, imprimiu uma marca. Além de rezar e benzer, deixou uma rica documentação escrita desse espaço praticado nos faxinais, desta forma de consumo do discurso higienista/sanitarista e contra reformista.

²⁹ O fato da igreja católica possuir um homônimo “São João Maria Vianney”, poderia gerar um conflito de nomes, mas as orações de Albino referem-se, de fato, ao beato João Maria de Agostinho a quem atribui o status de santo.

No espaço deste estudo procuramos conhecer o espaço praticado, o vivido cotidianamente no limite de tensão entre as produções centralizadas da medicina e da religião dominante que se impunham na região do município de Rebouças/PR entre as décadas de 1960 a 1980. Adotamos a perspectiva certoniana de que paralelo a uma produção barulhenta e espetacular existe outra silenciosa, classificada como prática de consumo, caracterizada por rituais de benzeção, de cura e prevenção. A documentação reunida por um desses benzedores desenha um espaço de convivência, numa câmara de convívio entre humanos e não humanos, cuja metáfora mais elucidativa consiste nas localidades organizadas em forma de faxinais.

Referências bibliográficas

ACARPA. *Realidade Rural do Município*. Rebouças-PR. Ano 1966/1967.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, 384 p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *Religiosidade e cultura popular*. Catolicismo, irmandades e tradições movimento. In: Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n.2, p. 119 a 130, 2009. Disponível em: <https://www.caolicaonline.com.br/revistadacatolica>

JANS JR, DONES CLAUDIO. *O valor da eugenia*. Eugenia e higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX. In: Cordis. História, corpo e saúde, n 7, pp 87-120, jul-dez/2011.

MOURA, Elen Cristina de. *Eu te benzo, eu te livro, eu te curo*. Nas teias do ritual da benzeção. In: MNEME, Revista de Humanidades, v. 11, n.29, jan-julho/2011.

NERONE, Maria Magdalena. *Sistema Faxinal*. Terras de plantar, terras de criar. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

RABELO, Miriam Cristina M. *Religião, ritual e cura*. In: ALVES, PC.; MINAYO, MCS.,

(Orgs.) Saúde e doença: um olhar antropológico (online). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em: <http://books.scielo.org>.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao-Artigos>

DOCUMENTOS:

_____. Mensagem de Moysés Lupion, Governador do Paraná apresentada a Assembleia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Ordinária de 1950. (Arquivo Público do Paraná)

Entrevistas:

Entrevista concedida por Maria Agatha Rodrigues à Paulo Gelson Rodrigues em 11/11/2016.

Entrevista concedida por Adil Gomes à Paulo Gelson Rodrigues em 08/05/2016.

Entrevista concedida por Ana Catarina Silva à Paulo Gelson Rodrigues em 04/01/2017.